

## O IMPACTO DAS AUTOPERCEPÇÕES NA AUTOEFICÁCIA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM PORTUGAL – ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA E DA COMPETÊNCIA PERCEBIDAS<sup>11</sup>

### IMPACT OF SELF-PERCEPTIONS ON SELF-EFFICACY OF PHYSICAL EDUCATION TEACHERS IN PORTUGAL - ANALYSIS OF PERCEIVED EXPERIENCE AND COMPETENCE

Milena Pedro de Moraes<sup>12</sup>

Maria João Carvalheiro Campos<sup>13</sup>

#### Resumo

Almejamos explorar a relação das percepções de competência e de experiência com a Autoeficácia Situacional de Professores e futuros Professores portugueses nas suas aulas de Educação Física inclusivas. Participaram 177 sujeitos. Aplicou-se a Escala de Autoeficácia na Educação Física Inclusiva, versão portuguesa do *Self-Efficacy Scale for Physical Education Teacher Education Majors towards Children with Disabilities*. Observaram-se diferenças significativas para as Percepções da Competência e da Qualidade da Experiência nas três subescalas analisadas, Deficiência Intelectual, Deficiência Física e Deficiência Visual. Conclui-se que a qualidade da experiência e da competência percebidas influenciam a autoeficácia na ação docente em contexto inclusivo nas aulas de Educação Física.

**Palavras-chave:** Autoeficácia docente. Educação Física Inclusiva. Formação Profissional. Percepção de competência. Percepção da qualidade da experiência.

#### Abstract

We aim to explore the relationship between the perceptions of competence and of experience and the Situational Self-Efficacy of Teachers and of future Portuguese Teachers in their inclusive Physical Education classes. Participants were 177 subjects and the Portuguese version of the *Self-Efficacy Scale for Physical Education Teacher Education Majors towards Children with Disabilities* was used. Significant differences were observed for Perceptions of Competence and Quality of Experience in the three subscales analyzed: Intellectual Disability, Physical Disability and Visual Impairment. Findings from the study suggest that the quality of the perceived experience and

---

<sup>11</sup> Financiamento pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

<sup>12</sup> Doutora em Educação Física. Linha de Pesquisa: Estudos Socioculturais e pedagógicos da Educação Física. Universidade São Judas. Contato: [milena.educacaofisica@gmail.com](mailto:milena.educacaofisica@gmail.com) (<https://orcid.org/0000-0003-3821-4306>)

<sup>13</sup> Doutora em Ciências da Educação Física. Linha de Pesquisa: Atividade Física Adaptada. Universidade de Coimbra - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física /CIDAF. Contato: [mjcampos@fcdef.uc.pt](mailto:mjcampos@fcdef.uc.pt) (<https://orcid.org/0000-0003-2148-3534>)

competence influences the self-efficacy in the teaching process in an inclusive context in Physical Education classes.

**Keywords:** Teacher self-efficacy. Inclusive Physical Education. Professional qualification. Perceived competence. Perception of quality of experience.

## Introdução

A Educação Inclusiva é um dos maiores desafios para a prática docente, pois exige que o professor tenha uma predisposição para ações específicas e estas se fundamentam ao nível das atitudes positivas. Desta forma, a postura atitudinal assumida em aula pelos professores influencia o desenvolvimento do processo de ensino em um contexto inclusivo (HUTZLER et al., 2005). Conforme Hutzler et al. (2019) o processo formativo é essencial para o desenvolvimento de atitudes positivas, além de contribuir para o fortalecimento da autoeficácia docente.

Neste sentido, para que o professor se sinta seguro em desenvolver ações pedagógicas com o estudante com deficiência, é preciso considerar que o comportamento deste docente está implícito nestas ações e, por conseguinte, no processo de ensino e aprendizagem (HUTZLER et al., 2019; HAEGELE; ZHU, 2017).

Urge pensar no processo formativo para a atuação docente em uma perspectiva inclusiva e na dimensão didático-pedagógica que esta formação abrange, de forma que o conhecimento adquirido e vivenciado seja fundamental para o sucesso da prática pedagógica em contexto inclusivo, o qual está diretamente relacionado às crenças que o professor tem sobre as expectativas de aprendizagem de seus alunos (BELÉM, 2017; GOES, 2004).

Segundo Bandura (1997) a crença que o professor tem em sua própria eficácia determina como a ação docente será estruturada e o desenvolvimento do processo de ensino, isto porque, a tarefa de criar ambientes de ensino e aprendizagem efetivos influencia e é influenciada pelo nível de autoeficácia docente. A autoeficácia docente interfere também na definição de metas e objetivos, conforme as sensações advindas de um autojulgamento considerado insuficiente sobre a própria capacidade ou

defasagem de conhecimento e habilidades quando requeridos em situações ou tarefas de ensino que podem exigir controle sobre o ambiente ou a ação (BANDURA, 1994).

Block et al. (2013) apontam que altos níveis de autoeficácia geram motivação e concentração e são um contraponto do sentimento de insegurança com relação à própria capacidade para desempenhar determinadas tarefas de ensino, pois, quando este nível está abaixo do adequado pode comprometer o sucesso do programa inclusivo. Por seu lado, Bandura (1993) coloca que o sucesso ou fracasso das experiências vivenciadas pelo professor pode ser determinante para a estruturação da autoeficácia docente e neste sentido, Obruskinova (2008) explicita que os professores que já vivenciaram experiências pedagógicas com estudantes com deficiência sentem-se mais competentes para esta atuação docente.

Contudo, muitos fatores influenciam a constituição da autoeficácia docente, como o tipo e o comprometimento da deficiência apresentado pelo estudante e o quão importante é o fato do processo formativo estar contextualizado à realidade escolar para que se possa de fato preparar o profissional para atuar com a diversidade existente no ambiente educativo (Campos et al., 2015).

Considerando as necessidades formativas dos professores e a estruturação de um sistema educativo mais equitativo, Portugal tem avançado significativamente ao buscar alternativas pedagógicas para que o estudante tenha sucesso na aprendizagem e que priorizem a formação contínua (PORTUGAL, 2018; 2019). A Educação Inclusiva em Portugal tem sido discutida com recente legislação, promovendo reflexões acerca do processo formativo para o desenvolvimento de atitudes positivas de professores de Educação Física atuantes em contexto inclusivo. Neste contexto, almejamos explorar a relação da percepção de competência e experiência e autoeficácia situacional de Professores e futuros Professores portugueses nas suas aulas de Educação Física inclusivas.

## Metodologia

A amostra foi constituída por 177 participantes, 89 do sexo feminino e 88 do sexo masculino, sendo 105 professores Educação Física da rede pública e privada de ensino em Portugal e 72 Mestrados em Ensino da Educação Física nos ciclos Básico e Secundário na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, estes participantes não têm experiência de ensino da Educação Física no contexto escolar inclusivo, diferentemente dos professores. Os professores têm idade entre 24 e 63 anos (M=46,07; DP = 9,03) e os Mestrados têm idade entre 24 e 45 anos (M=27,65; DP= 5,01). A coleta de dados aconteceu de forma anônima e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido previamente à realização do estudo.

Aplicou-se a Escala de Autoeficácia na Educação Física Inclusiva, versão portuguesa do questionário *Self-Efficacy Scale for Physical Education Teacher Education Majors towards Children with Disabilities (SE – PETE – D)* de Block et al. (2013).

Para facilitar o acesso ao instrumento, a aplicação do questionário aos professores aconteceu de forma remota através da plataforma online *SurveyMonkey*, onde foi disponibilizado um endereço eletrônico para o apoio aos participantes conforme Faleiros et al. (2016).

Com os Mestrados, a aplicação do questionário ocorreu de forma presencial em um momento na aula da disciplina “Ensino Integrado em Educação Física” ministrada no curso de Mestrado em Ensino da Educação Física nos ciclos Básico e Secundário na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Esta aplicação se deu com a presença dos pesquisadores para sanar possíveis dúvidas dos participantes.

O instrumento contém 25 itens e tem como objetivo analisar o nível de autoeficácia docente em três subescalas sendo a Deficiência Intelectual (DI); Deficiência Física (DF) e Deficiência Visual (DV). Cada escala de resposta para cada um dos itens vai de 1 (sem confiança) a 5 (total confiança) sendo correlacionada com as variáveis: Percepção na Qualidade da Experiência com valores de 0 a 3 (Sem experiência “0”; Nada

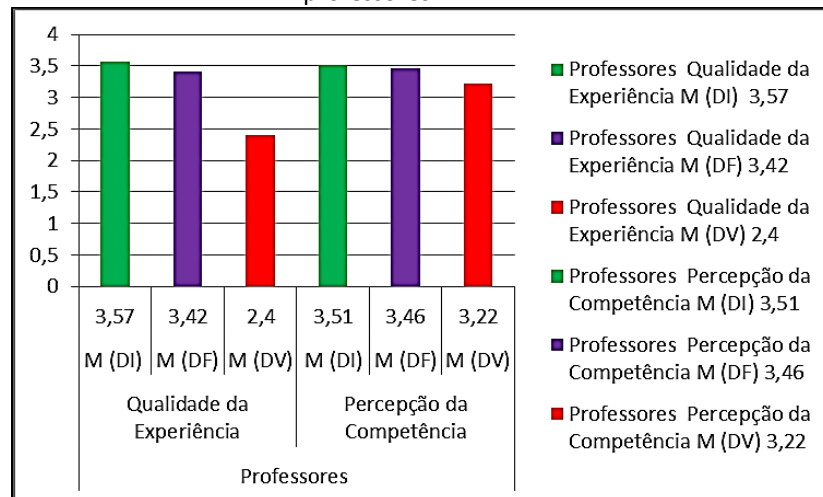
positiva “1”; Satisfatória “2”; Muito positiva “3”) e na Qualidade da Competência com valores de 1 a 3 (Nada Competente “1”; Com alguma competência “2”; Muito Competente “3”).

A análise estatística ocorreu com o software “Statistical Package for the Social Sciences” (SPSS 25.0) conforme os preceitos dos testes de normalidade e Anova one way com 95% de intervalo de confiança (VIEIRA, 2010).

### Resultado e discussões

Os professores apresentam resultados positivos para a autoeficácia docente tanto com relação à Percepção da Qualidade da Competência, ( $M= 3,51$  (DI)), ( $M=3,46$  (DF)), ( $M=3,22$  (DV)), quanto em relação à Percepção para a Qualidade da Experiência, ( $M = 3, 57$  (DI)), ( $M=3,42$  (DF)), ( $M=2,40$  (DV)), conforme pode ser observado no gráfico 1.

Gráfico 1 – Percepção da Qualidade da Competência e Qualidade da Experiência dos professores

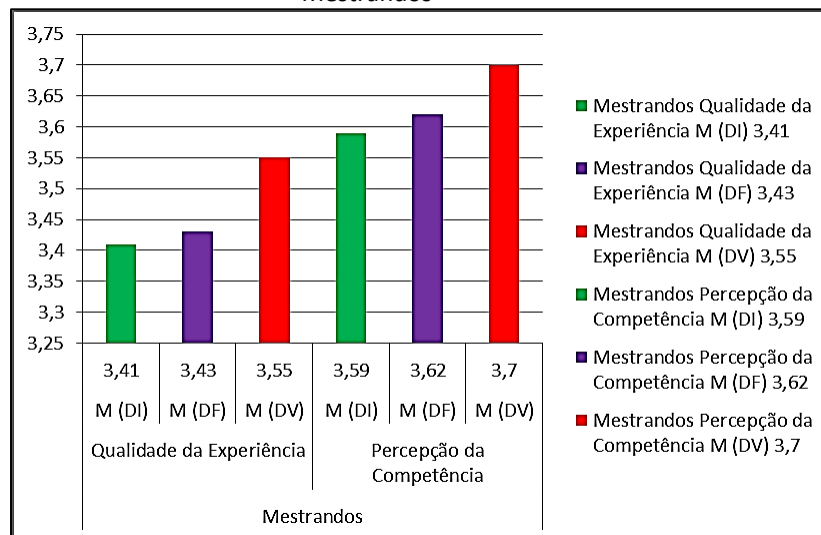


Fonte: Elaborado pelos autores.

Para os participantes Mestrandos observamos resultados também positivos com relação à Percepção da Qualidade da Competência, ( $M= 3,59$  (DI)), ( $M=3,62$  (DF)), ( $M=3,70$  (DV)), assim como, em relação à Percepção para a Qualidade da Experiência,

( $M = 3,41$  (DI)), ( $M=3,43$  (DF)), ( $M= 3,55$ (DV)), conforme pode ser observado no gráfico 2.

Gráfico 2 – Percepção da Qualidade da Competência e Qualidade da Experiência dos Mestrandos



Fonte: Elaborado pelos autores.

Estes resultados vão ao encontro de Morais et al. (2019a) e Morais et al. (2019b), em estudos realizados com professores de Educação Física portugueses onde os dados revelaram nível de autoeficácia docente positivo e diferenças significativas para as Percepções da Qualidade da Experiência e da Competência para as três subescalas, Deficiência Intelectual, Deficiência Física e Deficiência Visual. Os autores ressaltam que o alto nível destas percepções pode ser relevante para os indicadores da eficácia percebida.

Domingues et al. (2012) relatam que em um estudo realizado com 106 professores de Educação Física, também foram observadas crenças positivas de autoeficácia docente para o ensino em contexto inclusivo, sobretudo para a atuação com estudantes com Deficiência Intelectual.

Neste contexto, Campos e Neves (2017) ressaltam que os professores de Educação Física têm crenças que são favoráveis ao processo inclusivo e que se interessam para que a inclusão aconteça de forma efetiva alertando-nos para a

importância do processo formativo contínuo em subsidiar experiências de ensino mais equitativas.

Relativamente aos professores de EF, estes apresentam diferenças na percepção da competência especificamente na sua eficácia face às diferentes subescalas, como se pode verificar na tabela 1.

Tabela 1 – Análise inferencial da Percepção da Competência dos professores

Percepção da Competência - DI	M	p
Nada competente	2,80	0,002
Com alguma competência	3,69	
Nada competente	2,80	<0,001
Muito competente	4,04	
Com alguma competência	3,69	0,048
Muito competente	4,04	
Percepção da Competência - DF	M	p
Nada competente	2,78	0,027
Com alguma competência	3,64	
Nada competente	2,78	0,004
Muito competente	3,97	
Percepção da Competência - DV	M	p
Nada competente	2,40	0,015
Com alguma competência	3,45	
Nada competente	2,40	0,002
Muito competente	3,81	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Considerando os resultados apresentados na tabela 1 internamente à Percepção da Competência, para a subescala da Deficiência Intelectual observamos diferenças significativas entre o grupo de professores que se sentem como “Nada Competentes”, os que sentem “com alguma competência” ( $p=0,002$ ) e os professores que expressam sentir-se “Muito Competentes” ( $p<0,001$ ).

Com relação à Percepção da Competência nas respectivas subescalas para os professores, nota-se uma instabilidade com relação à Percepção da Competência para atuação com estudantes com Deficiência Intelectual, de forma que fica explícito o fato de haver professores que se sentem “Nada Competentes” para atuação com este público de estudantes como também apontado por Campos et al. (2015).

Reina et al. (2016) assinalam que a percepção de autoeficácia pode ser mais elevada em professores que vivenciaram encontros formativos com a temática da Educação Física Adaptada e/ou Inclusiva e em docentes que obtiveram experiências profissionais anteriores e contato prévio com estudantes com deficiência.

Para a subescala da Deficiência Física com relação à Percepção da Competência, observamos haver diferenças significativas entre os participantes que expressam sentir-se “Nada Competentes” em relação aos participantes que se sentem “Com alguma Competência” ( $p= 0,027$ ) e em relação aos que expressam sentir – se “Muito Competentes” ( $p=0,004$ ). Para a Percepção da Competência na subescala da Deficiência Visual, existem diferenças significativas entre os participantes que se sentem como “Nada Competentes” em relação aos participantes se expressam sentir – se “com alguma competência” ( $p=0,015$ ) e em relação aos que se sentem “Muito Competentes” ( $p=0,002$ ).

Estes resultados da Percepção de Competência dos professores para atuação com estudantes com Deficiência Física e com Deficiência Visual podem estar relacionados às condições de acessibilidade estrutural e arquitetônica presente nas instituições de ensino, o que pode comprometer o sucesso da prática pedagógica docente nesta perspectiva inclusiva conforme expressam Carvalho et al. (2017).

No que concerne à qualidade de experiência, os professores de Educação Física revelam diferenças na autoeficácia relativamente às subescalas, como se pode observar na tabela 2.

Tabela 2 – Análise inferencial da Qualidade da Experiência dos professores

Qualidade da Experiência - DI	M	p
Nada positiva	3,19	0,014
Muito positiva	3,93	
Qualidade da Experiência - DF	M	p
Nada positiva	3,07	0,036
Muito positiva	3,89	
Qualidade da Experiência - DV	M	p
Sem experiência	2,53	0,006
Muito positiva	3,80	

Fonte: Elaborado pelos autores.



Com relação aos resultados apresentados na tabela 2 para a Percepção da Qualidade da Experiência (Sem Experiência, Nada Positiva, Satisfatória e Muito Positiva), observamos para as subescalas da Deficiência Intelectual e da Deficiência Física que os professores que avaliam a experiência como “Nada positiva” apresentam diferenças significativas na autoeficácia entre os professores que avaliam a experiência como “Muito positiva” ( $p=0,014$ ) e ( $p=0,036$ ).

Para a subescala da Deficiência Visual, observamos diferenças significativas entre a autoeficácia dos professores não experientes em relação aos docentes que vivenciaram experiências “Muito positivas” ( $p=0,006$ ).

Considerando os resultados apresentados pelos professores tanto para a Percepção da Competência quanto para a Percepção da Qualidade da Experiência para com a atuação com estudantes com Deficiência Intelectual, observamos que as diferenças significativas demonstradas nestas percepções revelam que o autojulgamento que o professor faz sobre as experiências pedagógicas que vivencia influenciam sobremaneira em sua percepção de competência para lidar com os imprevistos e ações do processo de ensino.

As percepções dos professores que sentem – se “Nada Competentes” podem estar diretamente relacionadas à vivência de experiências pedagógicas julgadas como “Nada positivas”. Esta insegurança pode estar relacionada ao nível de comprometimento da deficiência apresentada pelos estudantes, como um dos fatores que influenciam a percepção de autoeficácia docente conforme colocado por Campos et al. (2015).

Conforme Moraes et al. (2019c) a realização de encontros de formação contínua com foco na perspectiva inclusiva pode ser essencial para o desenvolvimento de ações como por exemplo, o compartilhamento de experiências e a elaboração de estratégias de ensino. A fim de que o docente se sinta preparado para o atendimento à diversa demanda escolar em contexto inclusivo.

Como se pode verificar na tabela 3, os mestrandos apresentam diferenças relativas na autoeficácia ao nível da percepção de competência.

Tabela 3 - Análise inferencial da Percepção da Competência dos Mestrandos

Percepção da Competência - DI		M	p
Nada competente		3,21	0,043
Com alguma competência		3,58	
Nada competente		3,21	0,009
Muito competente		4,00	
Percepção da Competência - DF		M	p
Nada competente		3,19	0,019
Muito competente		4,10	
Percepção da Competência - DV		M	p
Nada competente		3,27	0,034
Muito competente		4,20	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Podemos observar na tabela 3 para a Percepção da Competência dos Mestrandos, que ao considerar a atuação para com estudantes com Deficiência Intelectual há diferenças significativas na eficácia percebida entre os participantes que se sentem “Nada Competentes” em relação aos que se sentem “com alguma competência” ( $p=0,043$ ) e em relação aos que se sentem “Muito Competentes” ( $p=0,009$ ).

Também foram verificadas diferenças significativas com relação às subescalas da Deficiência Física e da Deficiência Visual entre os Mestrandos que se sentem “Nada Competentes” e os que se sentem “Muito Competentes” ( $p=0,019$ ) e ( $p=0,034$ ) respectivamente.

Quanto à qualidade de experiência, os mestrandos com percepções muito positivas revelam-se com mais eficácia ao nível da docência relativamente aos seus pares com percepções nada positivas, especificamente ao lecionar para estudantes com Deficiência Intelectual como se verifica na tabela 4.

Tabela 4 - Análise inferencial da Qualidade da Experiência dos Mestrandos

Qualidade da Experiência - DI		M	p
Nada positiva		2,83	0,011
Muito positiva		3,8	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na tabela 4 para a Percepção da Qualidade da Experiência, observamos haver diferenças significativas na subescala da Deficiência Intelectual ( $p=0,011$ ) entre os licenciados que expressaram terem vivenciado experiências “Nada positivas” em relação aos participantes que tiveram experiências “Muito positivas”. Para a subescala da Deficiência Física ( $p=0,069$ ) e para a subescala da Deficiência Visual ( $p=0,072$ ) não foram identificadas diferenças significativas, contudo fica explícito haver participantes licenciados que vivenciaram experiências “Nada positivas” ao atuar com estudantes com Deficiência Intelectual, Deficiência Física e com Deficiência Visual ou sentem que a experiência que vivenciaram não foi suficiente para gerar subsídios a uma boa percepção de competência.

Fernandes et al. (2019) reportam em estudo realizado com 188 estudantes de Licenciatura em Educação Física que estes participantes obtiveram escore médio em relação à inclusão de estudantes com Deficiência Física, salientando a importância das oportunidades ofertadas pela formação inicial para que estes licenciandos possam adquirir experiências essenciais para o fortalecimento da percepção de competência.

Desta forma, Bandura (1997) explicita que quando o professor não tem clareza sobre as ações que deve seguir no processo de ensino para a resolução de determinado conflito ou desafio e sente – se inseguro para este processo, a percepção sobre a própria autoeficácia docente tende a reduzir.

Ao analisarmos os resultados dos professores portugueses com relação à atuação para com estudantes com Deficiência Visual, observamos que assim como demonstrado nas percepções para os estudantes com Deficiência Física, o grau de acessibilidade das escolas pode influenciar o desenvolvimento do processo de ensino como colocado anteriormente segundo Carvalho et al. (2017) indo ao encontro de Haegele et al. (2019), no sentido de que os professores apresentam dificuldades em elaborar estratégias de ensino adequadas aos estudantes com Deficiência Visual e estes, comumente são excluídos das aulas de Educação Física.

As ações desenvolvidas durante o processo formativo inicial e continuado, através de projetos de extensão e formações em serviço, assim como, o contato prévio com estudantes com deficiência na formação e a aproximação dos futuros professores

ao contexto escolar nesta perspectiva inclusiva são fatores que estabelecem relação direta à percepção de autoeficácia docente e ao quanto os professores de Educação Física se sentem competentes e atribuem qualidade às experiências de ensino vivenciadas, facilitando o processo de inclusão escolar (REINA et al., 2016; ABELLÁN et al., 2019).

Ao comparar as médias apresentadas pelos professores de Educação Física e pelos Mestrandos, observamos que há diferenças significativas na autoeficácia em relação às suas percepções, como pode ser verificado na tabela 5.

Tabela 5: Comparação das Percepções de Mestrandos e Professores

Qualidade da Experiência	M	p
Mestrandos	1,42	<0,001
Professores	2,15	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os professores de Educação Física percebem a sua experiência de forma significativamente mais positiva em relação aos Mestrandos ( $p < 0,001$ ), o que se justifica pela vivência de experiências pedagógicas em contexto escolar com maior frequência quando comparados aos Mestrandos, reforçando a necessidade dos futuros professores, durante a sua formação, passarem por situações reais de aprendizagem com alunos com deficiência.

Esta vivência de experiências significativas no processo de ensino e aprendizagem com estudantes com deficiência fortalece a percepção de Competência destes processos, em razão do processo reflexivo e do autojulgamento sobre a própria eficácia docente para o desenvolvimento das ações de ensino e aprendizagem, assim, os professores percebem a sua experiência com mais qualidade e sentem – se mais competentes como explicita Bandura (1997).

Neste sentido, os encontros de formação contínua em contexto inclusivo e o contato direto são relevantes para que os profissionais melhorem as suas percepções de eficácia em relação à confiança no ensino e na inclusão de estudantes com deficiência nas suas aulas, reduzindo assim, o medo do desconhecido e a falta de conhecimento e experiências, o que pode afetar a forma como o professor percebe a sua eficácia na Educação Física inclusiva.

Para este estudo não foram realizadas comparações relativas às percepções dos professores ao nível de participação ou não, em encontros de formação contínua na perspectiva inclusiva e esta pode ser uma limitação da pesquisa. Pelo que recomendamos a inserção desta variável em futuros estudos.

### **Considerações finais**

Concluimos que as Percepções sobre a qualidade da experiência e da competência explicitadas tanto pelos professores quanto pelos Mestrados participantes influenciam a sua eficácia na ação docente em contexto inclusivo nas aulas de Educação Física, destacando-se a contribuição da formação contínua vivenciada pelos Mestrados para a elevação dos níveis de Percepção da Qualidade da Experiência e da Competência e para subsidiar a autoeficácia docente.

Sendo este processo de formação contínua para atuação na Educação Física Escolar previsto no contexto legal sobre a formação em Portugal o que facilita o processo inclusivo e ressalta a importância sobre o processo reflexivo acerca da experiência pedagógica dos professores, fortalecendo a percepção de competência para atuação docente em contexto inclusivo.

### **Referências**

- ABELLÁN, J. et al. Percepción de autoeficacia hacia la inclusión en futuros maestros de educación física. **Revista de Psicología del Deporte**, v.28, n.1,p. 143–156, 2019.
- BANDURA, A. Perceived Self-Efficacy in Cognitive Development and Functioning. **Educational Psychologist**, v.28, n.2, p. 117-148, 1993.
- BANDURA, A. **Self-efficacy**. In V. S. Ramachaudran (Ed.), *Encyclopedia of human Behavior*, v. 4, p. 71-81. New York: Academic Press, 1994.
- BANDURA, A. **Self – Efficacy: The exercise of Control**. W.H. Freeman and Company, United States, 1997.
- BELÉM, J.B. et al. **Acessibilidade atitudinal dos alunos com deficiência: Analisando as ações dos professores de Educação Física**. SILVA, J.B.L; ASSUMPÇÃO, L.O.T.(Org.) In: *Educação Física*:

Esportes e Lazer em perspectiva sociocultural e inclusiva. v.1. Ed. ArtLetras, Brasília, p. 182-199, 2017.

BLOCK, M.E. et al. Creation and Validation of the Self-Efficacy Instrument for Physical Education Teacher Education Majors Toward Inclusion. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 29, p. 184-205, 2013.

CAMPOS, M. J. et al. Exploring teachers' voices about inclusion in physical education: a qualitative analysis with young elementary and middle school teachers. **Innovative Teaching**, v. 4, Article 5, 2015.

CAMPOS, M. J.; NEVES, A.F.D. Exploratory study of physical educators' self-efficacy toward the inclusion of students with physical disability. **Desporto e Atividade Física para Todos – Revista Científica da FPDD**, Coimbra – PT, 2017.

CARVALHO, C.L. et al. **Inclusão na Educação física Escolar**: Estudo da tríade acessibilidade – conteúdos – atitudes. **Motrivivência**, Florianópolis/SC, v. 29, número especial., p. 144-161, dezembro/2017.

FALEIROS, F. et al. Uso de questionário online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. **Texto & Contexto Enfermagem**, v.25, n.4, 2016.

FERNANDES, M.M. et al. **Auto eficácia Docente de Futuros Professores de Educação Física em Contextos de Inclusão no Ensino Básico**. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.25, n.2, p.219-232, Abr.-Jun., 2019.

GOES, M. C. **Desafios da inclusão de alunos especiais: a escolarização do aprendiz e sua constituição como pessoa**. GOÉS, M. C. R.; LAPLANE, A. L. F. In: **Políticas e Práticas de Educação Inclusiva**. Campinas: Editores Associados, p. 69-90, 2004.

HAEGELE, J.A; ZHU, X. Experiences of Individuals With Visual Impairments in Integrated Physical Education: A Retrospective Study. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, 2017. <https://doi.org/10.1080/02701367.2017.1346781>

HAEGELE, J.A. et al. Exploring the Intersection Between Disability and Overweightness in Physical Education Among Females With Visual Impairments, **Research Quarterly for Exercise and Sport**, 2019. <https://doi.org/10.1080/02701367.2019.1600652>

HUTZLER, Y.S. et al. Physical education students' attitudes and self-efficacy towards the participation of children with special needs in regular classes. **European Journal of Special Needs Education**, v. 20, n. 3, p. 309–327, August, 2005.

HUTZLER, Y. et al. Attitudes and self-efficacy of physical education teachers toward inclusion of children with disabilities: a narrative review of international literature. **Physical Education and Sport Pedagogy**. p. 1-19, 2019. <https://doi.org/10.1080/17408989.2019.1571183>

MORAIS, M.P. et al. (a) Exploratory Study on Situational Self-Efficacy of Portuguese Physical Education teachers. **International Symposium on Adapted Physical Activity**, ISAPA 2019. Trabalho apresentado na Sessão de Pôster n.2. Disponível em:

<https://www.xcdsystem.com/isapa/program/n4q96Zt/index.cfm?pgid=480>. Acesso em 30 de Abril de 2020.

MORAIS, M.P. et al. (b) Exploring Self-Efficacy of Portuguese Preservice Teachers in Inclusive Physical Education. **International Symposium on Adapted Physical Activity**, ISAPA 2019. Trabalho apresentado na Sessão de Pôster n.2. Disponível em: <https://www.xcdsystem.com/isapa/program/n4q96Zt/index.cfm?pgid=480>. Acesso em 30 de Abril de 2020.

MORAIS, M.P. et al. (c) Formação contínua de professores de Educação Física face à perspectiva inclusiva: Impacto nas Percepções de Competência e Qualidade da Experiência. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, Marília, v.20, n.2, p. 153-160, Jul./Dez., 2019.

OBRUSNIKOVA, I. Physical educators' beliefs about teaching Children with disabilities. **Perceptual and Motor Skills**, n.106, p. 637-644, 2008.

PORTUGAL. **Decreto – Lei nº 54/2018**. Estabelece os princípios e as normas que garantem a inclusão em ambiente escolar. Publicado em 06 de Julho de 2018. Diário da República, Série I, n.º 129/2018, p.2918 – 2928. Disponível em: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/dl\\_54\\_2018.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/dl_54_2018.pdf). Acesso em 18 de Setembro de 2018.

PORTUGAL. **Despacho nº779/2019**. Define as prioridades de formação contínua dos docentes, bem como a formação que se considera abrangida na dimensão científica e pedagógica. Publicado em 18 de Janeiro de 2019. Diário da República Diário da República n.º 13/2019, Série II de 2019-01-18. Disponível em: <https://dre.pt/home/-/dre/117982365/details/maximized>. Acesso em 11 de Julho de 2020.

REINA, R. et al. Autoeficacia de profesores de educación física para la inclusión de alumnos con discapacidad y su relación con la formación y el contacto previo. **Psychology, Society, & Education**, v.8, n.2, p. 93-103, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.25115/psye.v8i2.455>

VIEIRA, S. **Bioestatística: tópicos avançados**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier: Campus, 2010.

Recebido em: 04/02/2021

Aprovado em: 13/04/2021